



XI Encontro de Pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo

Currículo: tempos, espaços e contextos

29 e 30 de outubro de 2013



METODOLOGIA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS: HISTÓRIA DE VIDA COMO ESTRATÉGIA E HISTÓRIA ORAL COMO TÉCNICA – ALGUMAS REFLEXÕES

Outubro/2013

Eixo temático: Currículo, Conhecimento e Cultura
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

BURGER, Ednéia Regina
edneiay@yahoo.com.br

VITURI, Renee Coura Ivo
reneevituri@reneevituri.pro.br
Pôster. Texto completo.

RESUMO

No texto a seguir apresentam-se alguns dados sobre a estratégia de pesquisa denominada história de vida e a técnica de coleta de dados nomeada história oral. As questões que se procuram responder são: Quais as características, maneira de desenvolvimento e formas de utilização da estratégia da história de vida e da técnica de coleta de dados denominada história oral? O que é fazer história de vida e história oral? Porque trabalhar com a estratégia da história de vida e com a técnica da história oral em pesquisas nas áreas das Ciências Humanas e Sociais? Deste modo, configura-se objetivo principal conhecer as características, desenvolvimento e utilização da estratégia de pesquisa denominada história de vida e da técnica de coleta de dados nomeada história oral com a finalidade de identificar o porquê trabalhar com tal estratégia e técnica de pesquisa. A metodologia utilizada neste estudo delinea-se por meio de pesquisa bibliográfica, sendo referências: Chizzotti (2003, 2011), Meihy (2005), Thompson (1992), dentre outros. O estudo realizado permite perceber que a história de vida e a história oral não são meramente estratégia e técnica de pesquisa, respectivamente, mas modos de se conhecer, entender, compreender os sujeitos e suas as identidades construídas e em construção. São documentos históricos que produzidos por meio da memória podem abrir caminhos para novos estudos sobre a vida cotidiana.

Palavras-chave: Ciências humanas. Ciências sociais. História de vida. História oral.



INTRODUÇÃO

Pesquisar não é tarefa simples. Implica, *a priori*, uma curiosidade peculiar sobre determinado fenômeno. Curiosidade esta que envolve um objeto a ser desvelado, localizado no tempo, no espaço, no espaço-tempo histórico e a escolha de um caminho a se percorrer na busca por soluções para os problemas propostos em torno do objeto estudado.

Nesse processo de desvelamento da realidade, a escolha do caminho a ser cursado abarca várias etapas e um conjunto de técnicas e procedimentos sistemáticos e racionais que orientam o pesquisador durante todo o processo de investigação e sistematização fidedigna do problema em estudo.

Dentre estes procedimentos está a escolha de uma metodologia que seja adequada à proposta de estudo, coerente com os objetivos da pesquisa, com a concepção de realidade do próprio pesquisador e com a teoria de conhecimento utilizada.

Em uma pesquisa acadêmica, seja em uma abordagem quantitativa ou qualitativa, a escolha da metodologia é fundamental, uma vez que funciona como bússola orientadora, norteando os estudos que serão desenvolvidos, a coleta, a sistematização e análise dos dados obtidos.

A metodologia é uma maneira de garantir o saber científico, sendo necessária por parte do pesquisador a curiosidade, o ceticismo, a confiança na razão e no procedimento científico e, também, na aceitação de seus limites.

Para tanto, todo pesquisador, deve conhecer as mais diversas metodologias existentes a fim de escolher aquela que melhor possa conduzi-lo no desenvolvimento de sua pesquisa, oportunizando-lhe maiores possibilidades de sucesso no alcance dos objetivos propostos.

Embora haja inúmeras e diferentes metodologias (estratégias, métodos, técnicas de pesquisa), opta-se, neste texto, por abordar aspectos referentes à história de vida e história oral, a partir de referenciais teóricos que, além de trazerem o conceito, refletem as especificidades presente nesta estratégia e técnica de pesquisa, respectivamente, contribuindo com reflexões acerca de possibilidades metodológicas no contexto da abordagem qualitativa de pesquisa em ciências humanas e sociais.



1 ESTRATÉGIAS DE PESQUISA: HISTÓRIA DE VIDA

Inúmeras são as estratégias de pesquisa nas ciências humanas e sociais, por exemplo: estudo de caso, pesquisa de opinião, história de vida, dentre outras. Contudo, neste trabalho opta-se por focar na história de vida.

1.1 História de vida como estratégia de pesquisa: contextualização

A história de vida pode ser entendida como “um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida”. (CHIZZOTTI, 2011, p. 101).

Como estratégia de pesquisa, insere-se no contexto da abordagem qualitativa de investigação, sendo utilizada nas mais diversas áreas do conhecimento humano: antropologia, história social, psicologia, social, educação e, ainda pelas mais diferentes escolas de pensamento tais como: empirismo, marxismo, fenomenologia, dramaturgia, dentre outras. (CHIZZOTTI, 2011).

Logo depois de elaborada, a história de vida foi durante algum tempo desprezada por alguns pesquisadores defensores de técnicas quantitativas de pesquisa. Contudo, revitalizou-se em seguida principalmente a partir do final do século XIX e primeiras décadas do século XX “introduzida pela Escola de Chicago e desenvolvida por Znanieski, na Polônia”, como meio sistemático de pesquisa. (CHIZZOTTI, 1991, p. 96).

Conforme Chizzotti: “a escola de Chicago criou um método interpretativo realista a partir das narrativas orais de história de vida cotidiana de pessoas comuns, adotando um realismo literário que utilizava a linguagem, as percepções, os sentimentos e os pontos de vista dos pesquisados” (2003, p. 226).

Ainda, como assinala o autor que, desde os anos de 1960:



a história de vida procura superar o subjetivismo impressionista e formular o estatuto epistemológico, estabelecer as estratégias de análise do vivido e constituir-se em método de coleta de dados do homem concreto. No contexto da pesquisa, tende a romper com a ideologia da biografia modelar de outras vidas para trabalhar os trajetos pessoais no contexto das relações pessoais e definir-se como relatos práticos das relações sociais. (CHIZZOTTI, 1991, p. 96).

Reconstruir a história de vida de um personagem era, até pouco tempo, produto de literatos como Sérgio Cabral, que escreveu a biografia de Antonio Carlos Jobim; do argentino Hugo Gambini, autor da biografia de Che Guevara; de jornalistas como Fernando de Moraes, biógrafo de Assis Chateaubriand, de Olga Benário, entre outros, e de memorialistas como o já falecido escritor e médico mineiro Pedro Nava. Este, ao mesmo tempo em que historiou suas lembranças em forma de autobiografia, mostrou ter consciência dos limites da memória e da linearidade da vida de um indivíduo, começo, meio e fim. (PIOVESAN, 2008).

Em tempos atuais, há um número cada vez mais expressivo de historiadores que se interessam por trajetórias de vida e percurso profissional individual, com vistas a reconstruir a história de determinados personagens, seus constructos, aspirações, desejos e sentimentos. Aponta Schmidt, que esse movimento é internacionalmente perceptível, podendo ser observado em diferentes correntes, tais como,

(...) a nova história francesa, o grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista, a micro-história italiana, a psico-história, a nova história cultural norte-americana, a historiografia alemã recente e também a historiografia brasileira atual. Apesar das diferenças entre estas tradições historiográficas, é marcante em todas elas o interesse pelo resgate de trajetórias singulares. (SCHMIDT, 1997, p. 3).

Hoje, apesar de ainda bastante criticada e censurada, principalmente pela estrutura considerada pouco precisa e pela concepção de ausência ou pouca imparcialidade do pesquisador e do colaborador frente ao objeto do discurso, a história de vida está muito presente na literatura científica sendo vista como importante estratégia de pesquisa por sua capacidade de transformar os objetos de estudo em sujeitos. Característica que pode contribuir para “uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira” (Thompson, 1992, p. 137) e



humana por se constituir em um relato, que pode ser coletado tanto oralmente quanto por escrito, de uma experiência significativamente vivenciada por um indivíduo ou um grupo de indivíduos.

Neste viés, a estratégia da história de vida é tida também, como instrumento valioso à compreensão de como os sujeitos representam os acontecimentos e os fenômenos sociais, históricos e culturais, com a finalidade de refletir sobre a própria vivência ativa (ou não) captando aspectos das experiências individuais e grupais. (LAVILLE; DIONE, 1999).

Ou seja, representa uma “maneira de recolar o indivíduo no social e na história: inscrita entre a análise psicológica individual e a dos sistemas socioculturais” (Laville; Dione, 1999, p. 159), permitindo captar o modo pelo qual os indivíduos buscaram as tintas buscaram para escrever suas próprias histórias, modelando a sociedade e ao mesmo tempo sendo moldados por ela. Seu foco está na coleta de informações da vida pessoal de um ou de vários informantes objetivando compreender o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas.

Neste sentido, é uma estratégia que procura reduzir o amplo volume de informações contidas em uma comunicação a algumas características particulares que permitam passar dos elementos descritivos à interpretação, ou investigar a compreensão dos atores sociais no contexto cultural em que produzem a informação, ou, enfim, verificar a influência desse contexto no estilo, na forma e no conteúdo da comunicação.

O que se torna perfeitamente possível uma vez que, conforme Chizzotti, a proposta metodológica de história de vida, por ser um instrumento de pesquisa, assegura

a cientificidade da técnica, a qualidade das informações recolhidas, seu registro e a redução do volume de dados a elementos passíveis de análise. Esses cuidados incluem além da posição atitudinal do entrevistador, formas adequadas de registro, redução e análise dos dados. (CHIZZOTTI, 2011, p. 95).

O importante para o historiador é não apenas armazenar na memória os fatos, mas também promover um processo ativo de criação de significações.

A história de vida é categorizada por Ferrarotti (1983) e Bertaux (1997), citados por Chizzotti (2011), como: abordagem biográfica ou método biográfico.



Tal abordagem ou método pode ser concebido como “produção controlada de uma narrativa sobre a vida de uma pessoa, através de um sistema teoricamente orientado de procedimentos explícitos”. (ABRANTES, 2012, p. 14).

Biografia é um termo etimologicamente composto por *bio* – indicativo da ideia de vida, com origem no grego *bíos* –; *grafia* – de *grafo* [+ sufixo–*ia*], elemento de composição culta, que traduz as ideias de escrever e descrever, com origem no grego *grápho* –, escrever (ROSADO citado em CEIA, 1932, s/p).

A abordagem biográfica dedica-se à descrição ou narrativa da vida de uma pessoa. Para Rosado citado em CEIA (1932), uma biografia reporta-se à extensão da vida do biografado com a intenção de recontar e de recriar a sua trajetória e história de vida por meio do resgate da imagem do personagem, de como é, era e foi.

A gênese desta abordagem volta-se para a interpretação de fenômenos trazidos pelo homem tal como foi experienciado por quem o “viveu, tomando o seu ponto de vista como referencia fundamental, tendo como objetivo obter informações sobre eventos do passado” (Chizzotti, 2011, p. 102), e, até então, não registrados.

O método biográfico oportuniza diferentes maneiras de trabalho ao pesquisador comportando também diferentes gêneros quais sejam: biografia, autobiografia, testemunho, etnobiografia, história oral, conforme assinala Chizzoti (2011).

No caso do estudo aqui proposto, o tratamento será dado à história oral por compreendê-la como fonte inesgotável de identificação e significação de valores, sentimentos, subjetividades e características peculiares.

2 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS: HISTÓRIA ORAL

A técnica da história oral começou a ser utilizada nos Estados Unidos, nos anos de 1950, após a invenção do gravador. Pouco a pouco foi ganhando adeptos entre profissionais das mais diversas áreas do conhecimento nas ciências humanas e sociais: antropólogos, sociólogos, pedagogos, cientistas políticos, dentre outros. (PORTAL FGV. PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL).

Segundo Thompson (1992), Jules Michelet foi um dos pioneiros na utilização da história oral como técnica de pesquisa. Thompson também empregou a técnica para



sistematizar a sua pesquisa no livro “*A voz do passado: história oral*”, considerado um clássico, por ser um dos primeiros a abordar a história oral e sua sistematização.

Paulatinamente difundida em todo o mundo, a história oral, mesmo com a resistência de alguns cientistas brasileiros foi introduzida no país, na década de 1970, sendo, o termo, oficialmente utilizado pela primeira vez “em publicação, feita por Carlos Humberto Correa, da Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 1978¹”, conforme pontuou José Carlos Sebe Bom Meihy² (2010).

Ainda, aponta Meihy, que outra autora pouco lembrada, contudo fundamental para a instauração da história oral no Brasil foi: “Valentina da Rocha Lima que publicou um trabalho pioneiro com o nome de *Getúlio Vargas, uma história oral*” (2010, s/p).

De acordo com Meihy, “a história oral é um processo sistêmico de uso de depoimentos gravados, vertidos do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas” (2005, p. 17-8) realizadas com sujeitos que testemunham sobre suas trajetórias, conjunturas, instituições ou outros elementos da história que compõem a trama histórica de suas vidas.

É uma técnica que se constitui em “um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social das pessoas e de grupos” (Meihy, 2005, p. 17), e que permite resgatar o indivíduo como sujeito no processo histórico reativando “o conflito entre liberdade e determinismo”. (FREITAS, 2002, p. 15). Em vista disso, legitima a história de vida, tornando-a, também, mais verdadeira, pois, “devolve a história às pessoas em suas próprias palavras”. (THOMPSON, 1992, p. 337).

Antonella Bianchi Ferreira Ishii, por exemplo, em dissertação de mestrado intitulada “História oral no percurso de vida e de formação de professores e professoras de matemática: possíveis implicações curriculares” utilizou da história oral e “ao considerar o contexto de vida e formação dos professores, suas experiências e respeitar suas vozes”, resgatou “os aspectos mais importantes de suas práxis pedagógicas” (2008, p.16), devolvendo-lhes o protagonismo de suas próprias práticas.

¹ Em entrevista concedida a Marta Gouveia de Oliveira Rovai e Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho, doutorandos em História Social pela Universidade de São Paulo (USP).

² Meihy é professor aposentado do Departamento de História da Universidade de São Paulo, co-fundador da Associação Brasileira de História oral, criador do *Núcleo de Estudos em história oral (NEHO)*.



Como defende Thompson (1992), a história oral,

é uma história construída em torno de pessoas. Ela é a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vividos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. (...) contribui para formar seres humanos mais completos. (THOMPSON, 1992, p. 44).

Ao dar voz a personagens que não se fariam ouvir, “a história joga luzes nas lembranças objetivadas”, excita “o lado esquecido como parte do todo explicativo dos fatos e emoções” (Meihy, 2005, p. 75), possibilitando aos homens e mulheres, sujeitos concretos em vivências concretas, desvendar cada desejo, cada sonho, cada crença anulados frente a mazelas provocadas pela vida e pela sociedade.

Ou seja, na história oral “são levados em consideração os sonhos, angústias, expectativas, enfim, os sentimentos próprios que contribuíram para elevar, não somente o trabalho individual, mas a contribuição deixada para a coletividade”, como explanou Ishii (2008, p. 19). Considerando que a memória de um pode ser a memória de muitos, tal contribuição, por meio das diversas vozes, se faz possível, “porque jamais estamos sós (...), sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas”. (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Nesse sentido, a partir do passado, a história oral permite construir novas perspectivas para o resgate de homens e mulheres como sujeitos protagonistas no processo histórico.

Dinâmica esta que talvez não fosse executável se não por meio do resgate da memória, “instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano (...)”. O resgate da memória é essencial, pois são nas reminiscências que se encontram recursos passados, experiências esquecidas que ajudam a lidar com o novo. Pode-se dizer que, pelo resgate da memória, os sujeitos reconstróem seu elo com o mundo e com sua origem, ressignificando suas vidas e fortalecendo o sentimento de pertença ao mundo, que, muitas vezes, os colocam à margem da vida.



Para Portelli apud Fonseca,

A utilidade específica das fontes orais (...) repousa nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico. Nesse sentido, o que mais interessa é a significação, a subjetividade do narrador. (Portelli apud FONSECA, 1997, p. 36).

Na história oral, o entrevistado é, ele próprio, um agente histórico, fazendo-se assim, de suma importância resgatar sua visão acerca de sua própria experiência e dos acontecimentos sociais dos quais participou. Pois, embora seja o pesquisador que escolhe o tema e que formule as questões esboçando um roteiro temático, é o narrador que decide o que e como narrar.

Por este prisma, como aponta Bossi, “a história que se apoia unicamente em documentos oficiais não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (BOSSI, 2003, p. 15), tampouco da dimensão das emoções, sentimentos e ressentimentos vividos pelos muitos sujeitos que compõe a trama histórica da humanidade.

Deste modo respalda-se a validade e significância da técnica da história oral uma vez que “possibilita o registro das reminiscências das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim, uma história alternativa à história oficial” (Freitas, 2002, p. 82), essencial para a recuperação do vivido e do construído ao longo da história da humanidade e dos sujeitos que a compõem dando-lhes vida e colorido e ao mesmo tempo sendo coloridos e ganhando vida nela.

2.1 Algumas considerações metodológicas

Como aponta Alberti “fazer história oral não é simplesmente sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça, e entrevistar aqueles que cruzam nosso caminho dispostos a falar um pouco sobre suas vidas” (1990, p. 29). Uma vez que o simples fato de gravar depoimentos não exime o pesquisador da atividade e da responsabilidade com a prática da pesquisa, realizar história oral exige um caminho, um método, procedimentos a serem seguidos:



- O local e horário para coleta da narrativa são definidos pelo entrevistado, devendo-se evitar locais públicos.
- O pesquisador define o tema e dirige a entrevista por meio de um roteiro previamente estabelecido, evitando interrupções, questionamentos duplos e fazendo uma pergunta de cada vez não prejudicando a reconstituição mental do período vivido pelo entrevistado. Não discordar do narrador e não induzir respostas ou complementá-las é condição.
- Evitar prosseguir caso o entrevistado apresente sinais de cansaço, de fadiga, também é essencial, demonstra sensibilidade e respeito pelo outro. Nesse caso, não prejudica os resultados da pesquisa marcar um novo encontro.
- Registrar os depoimentos em fitas ou equipamentos digitais, imagem e som. Pois, o registro das experiências vividas pelos sujeitos sociais que contribuem para a compreensão do passado recente é também documento histórico.
- As entrevistas devem ser gravadas e transcritas. A transcrição deve ser fidedigna a fala do entrevistado. Deve haver legitimação, conferência e cessão dos direitos de uso do depoimento por meio da assinatura de uma carta de cessão.

Quanto ao número de sujeitos colaboradores na história oral, este é orientado, em um primeiro momento, pelos objetivos da pesquisa, sendo necessária a escolha de entrevistados que efetivamente possam contribuir no alcance dos objetivos propostos.

Não há um número preciso a ser delimitado, nem tampouco se preza pelo quantitativo, a seleção deve preocupar-se com a posição do entrevistado no grupo, no universo da pesquisa, no significado que sua experiência pode ter e trazer no desvelamento do objeto da pesquisa.

Deste modo, “convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações



ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos”. (ALBERTINI, 1990, p. 31-2).

A orientação, tanto pelas convenções próprias da pesquisa com história oral, bem como pela prática considerada em pesquisa qualitativa em nível nacional ou internacional, é a de fundamentar-se no princípio de adequação do método ao objeto, este de natureza qualitativa e não correspondente às formas quantitativas de aproximação. Pois é o objeto que determina as escolhas as serem tomadas no encaminhamento da pesquisa: quem entrevistar, que tipo de entrevista empregar, quantas pessoas ouvir.

Tal orientação implica um conhecimento prévio do objeto de estudo. Sendo preciso também

conhecer o tema, o papel dos grupos que dele participaram ou que o testemunharam e as pessoas que, nesses grupos, se destacaram, para identificar aqueles que, em princípio, seriam mais representativos em função da questão que se pretende investigar - os atores e/ou testemunhas que, por sua biografia e por sua participação no tema estudado, justifiquem o investimento que os transformará em entrevistados no decorrer da pesquisa. (ALBERTINI, 1990, p. 32).

O investimento transformará os entrevistados em colaboradores. Colaboradores que construirão juntos com o entrevistador dando-lhe a tinta para escrever a sua dissertação ou tese.

Nesta direção, saber ouvir, respeitar a lógica e o ritmo do entrevistado e estabelecer um vínculo de confiança – entrevistador-entrevistado – é condição ao pesquisador que utiliza a história oral. Enxergar o entrevistado como ser humano concreto, que chora e que ri é premissa, principalmente quando as pessoas se emocionam ao relembrar fatos. Os momentos em que o sujeito revive situações que o emocionam apontam para elementos muito importantes ao interpretar suas falas.

Buscar o sentido das narrativas em sua essência sem uma preocupação aviltada em identificar se o entrevistado/colaborador falou certo ou errado ou se o seu sotaque afetou a fala também é fundamental para que não se esvazie de sentido o fazer história oral e, com isso, consiga-se identificar as identidades construídas e em construção.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estratégia de pesquisa denominada história de vida e a técnica de coleta de dados nomeada história oral foram o cerne deste estudo cujo objetivo principal foi o de conhecer suas características, desenvolvimento e utilização em trabalhos de pesquisas acadêmicas.

As leituras realizadas permitem inferir que fazer história de vida e/ou história oral não é mera reencarnação do passado em fitas gravadas ou depoimentos escritos. Fazer história de vida e oral é trabalhar com seres humanos concretos, que vivem em situações concretas em uma dinâmica de vida concreta que magicamente compõem o passado oferecendo a compreensão do presente e os contornos do futuro por meio da transmissão de suas experiências via narrativas.

Trabalhar com história de vida e história oral é transformar a simples informação em engenho. É procurar, em todo o tempo não inventar nem omitir material sob pena de se falhar com a verdade. É também, não se contentar com o mero relato dos fatos, pois, desta forma, se falha com a arte.

Tecer a talagarça da vida por meio da história de vida e da história oral é assumir uma responsabilidade para com a arte e para com a verdade. É enriquecer o legado de um indivíduo, de um povo de uma nação, possibilitando aos indivíduos das camadas menos favorecidas da população, e não somente aos grandes heróis da história, o direito a vez e a voz, ao resgate do protagonismo de suas próprias vidas. O que representa uma oportunidade impar de aperfeiçoamento ou até mesmo de transformação do ser ao permitir-lhe a sua inserção como um ser-no-mundo, um ser-dentro-do-mundo e um ser-com-o-mundo.

REFERÊNCIAS

ALBERTINI, Verena. **Manual de história oral**. 1990. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <http://arpa.ucv.cl/articulos/manualdehistoriaoral.pdf>. Acesso em: 31 de maio de 2013.



BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios da psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. Braga/Portugal, v. 16, n. 2, 2003. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1350495029.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2012.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4 ed. São Paulo: Vozes, 2011.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil**: história oral de vida. Campinas, SP: Papirus, 1997.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. Imprensa Oficial do Estado, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. por Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

ISHII, Antonella Bianchi Ferreira. **História oral no percurso de vida e de formação de professores e professoras de matemática**: possíveis implicações curriculares, 2008. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós - Graduação em Educação: Currículo. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2008.

Disponível em:

http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7841. Acesso em: 31 mai. 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

PIOVESAN, Greyce Keli. **Biografia, trajetória e história**. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Greyce%20Kely.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2013.

PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL. **O que é história oral**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas/ Coordenação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil em São Paulo.

Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>. Acesso em: 30 mai. 2013.

ROSADO, Sofia. Biografia. In: CEIA, Carlos. **E – Dicionário de termos literários**. Portugal, 1932. Disponível em: www.fctsh.uni.pt/edtl/verbetes/B/biografia.htm. Acesso em: 25 mai. 2013.



XI Encontro de Pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo

Currículo: tempos, espaços e contextos

29 e 30 de outubro de 2013



ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; MARANHÃO-FILHO, Eduardo de Albuquerque. **História oral testemunhal, memória oral e memória escrita e outros assuntos.** Entrevista com o professor José Carlos Sebe Bom Meihy. 2010. Disponível em: <http://www.historiagora.com/revistas-antiores/historia-agora-no9/45-entrevistas/178-historia-oral-testemunhal-memoria-oral-e-memoria-escrita-e-outros-assuntos-entrevista-com-o-professor-jose-carlos-sebe-bom-meihy>. Acesso em: 06 abr.2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.